

do genero masc. ou femin. do predicado: *Nec sopor illud erat* (Verg.) = *nem aquillo era somno*.

5.º O adjectivo regido de preposição (*ae, em, por*) em certas phrases, concorda, por attracção, com o substantivo, sujeito ou complemento, a que se refere, e conserva-se invariavel se modifica o predicado:

Ella, de esperta, não appareceu ; elles, de velhacos, não acceitaram ; a sociedade de alta só tem o nome (só tem o nome de alta sociedade) — Ella, de bonito, só tem os olhos ; este povo, de bom, só possui a fama ; elles por doentes não compareceram.

Por os raros extremos que mostrou
Em sabia Pallas, Venus em formosa,
Diana em casta, Juno em animosa,
Asta, Europa, e Asia as adorou (C. Obs. 3. 27)

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso (Lus. 1. 62)

Tentou Pirithoo e Théseo, de ignorantes
O reino de Plutão horrendo e escuro (Lus. 2. 112)

Posto que em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados (Lus. 2. 55)

Sabe que quantas náus esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem (Lus. 5. 43)

Perdidas e tralhadas
As tuas ovelhas vejo,
Dellas morrem de cansadas,
E tu tens morto o desejo
D'acudires as coitadas (B. Rib., Men. e Moça, 270)

6.º Nota-se a mesma concordancia por *attracção* no grupo *a olhos vistos*, que sendo logicamente um grupo de *subordinação* (visto a olhos), tornou-se grammaticalmente de *coordenação*:

Todas e cada uma destas causas, a olhos vistos, hão mister (Lucena, VIII. 8) — Grande quebra na estatura dos corpos, que a olhos vistos (Ib. III 9).

Obs. Critica o Snr. José Feliciano de Castilho esta phrase de Lucena, ainda hoje geralmente empregada, pela razão obvia de não obe-

decer tal grupo nominal (*a oltos vistos*) aos principios da grammatica philosophica. E seu illustre irmão Antonio de Castilho, cedendo ás mesmas considerações, escreveu: *O tempo exauria a oltos vista a por nenhum modo renovada substancia da cidade* (Q. Hist. III. 57). Em que pese a tão grandes auctoridades, a phrase de Lucena é vernacula e corrente, e se não obedece aos principios da grammatica philosophica, obedece aos da grammatica histórica, isto é, á euphonia analogica. Tai phrase traz, por certo, o cunho da ordem synthetica do velho portuguez, antepondo o regimen (*a oltos*) ao termo regente (*visto*); porém a proximidade do substantivo plural (*oltos*) exerceu natural attracção sobre o adjectivo, que foi, por uma *confusão euphonica*, para que assim o digamos, considerado como seu attributo. A phrase assim estereotypada é intelligivel, homologada pelo uso geral, e preferivel á phrase reaccionaria do Sr. José de Castilho. Exs.:

Mayor bem vos quero eu a vós que a elle, e se o nam visse perdido por vós a oltos vistos, não mentaria tão sois (Euphr. 64). — A oltos vistos a nau se ia afundando (J. de B., ap. Serões 604) — Mas a oltos vistos cresceram nelle todas as virtudes (Souza, ib.) — Dissimulado á evidencia e encoberto a oltos vistos (A. V., ib.) — Os campos, cobertos aqui de relva, acolá de searas, que cresciam a oltos vistos, verdejavam ao longe (A. H., ib.).

7.º Entre os classicos é frequente flexionar-se *meio* e *todo*, em funcção adverbial, por *attracção*; hoje é menos generalizada a flexão de *meio* nesta accepção:

Convez cheio de corpos *meios* mortos (Lucena, II, 2) ...meios enterados nas lapas ...meios comidos de bichos (Id.) — Uns caem meios mortos e outros vão a ajuda convocando do Alcorão (C.) — Estes rudes combatiam meios nus (A. H., Eur. 94) — Cadaveres meios enterrados nas ruinas (C. C. B.) — E assim eram meios fieis e meios gentios (A. V., S. 2. 126) — Que funebres alás são essas de homens todos lucto (G., Cam. C. II, I) — E era ella bella de uma belleza toda judaica, toda arabe (Ib. O Arc. de S. A. II. C. 28) — Agouravam a possibilidade de una cura por meios todos moraes (Ib., ap. M. Barreto, N. Est., 262) — Elle é todo doçura, ella é toda ouvidos (A. C.) — Uma princeza, toda suavidade e virtude; um principe todo virtude e talento; um frade, todo talento e majestade (Id.) — Chegaram aos ouvidos as estrophes meio zombeteiras e meio graves de ousado reprehensor (L. C.).

GRAUS

536. O latim possuia, fóra o *positivo* ou *normal*, dois graus de significação do adjectivo qualificativo, que passaram para o portuguez, a saber — o *comparativo* e o *superlativo*.

537. COMPARATIVO. O comparativo latino de superioridade tinha a fôrma *organica* ou *synthetica*, na desinencia — *ior, m e f e — ius n.*: *justus — justior, justius*. Qundo, porém, o thema terminava em *i* ou *e*, como *pius, idoneus*, recorria o lat. a uma fôrma *inorganica* ou *analytica*, por meio do adverbio *magis*: *pius — magis pius, idoneus — magis idoneus*. O latim pop. empregava tambem nos comparativos *analyticos* o adv. *plus*, preferido pelo fr. *plus* e pelo ital. *più*, e que apparece no v. port. na fôrma de *chus*:

E tres Mouros que entrarão
Chus negro que Satanás (T. Port. 123)

O port. rejeitou o processo *synthetico* do lat., e generalizou com o lat. pop. a fôrma *analytica* — *mais idoneo, mais justo*. Salvaram-se, entretanto, algumas fôrmas *syntheticas* do lat. class.

538. AS FÓRMAS SYNTHETICAS COMPARATIVAS SUBSISTENTES. Subsistem ainda do *synthetismo* latino quatro fôrmas comparativas, que são:

bonum	⇒⇒⇒		— meliorem	⇒⇒⇒	melhor
malum	⇒⇒⇒	magnum	— pejorem	⇒⇒⇒	peor
magnum	⇒⇒⇒	magno (grande)	— majorem	⇒⇒⇒	maior
parvum	⇒⇒⇒	parvo (pequeno)	— minorem	⇒⇒⇒	menor

Ao lado destas fôrmas *syntheticas*, possui o portuguez as respectivas fôrmas *analyticas* — *mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno*.

Além destas, subsistem muitas outras dos comparativos latinos em *-ior*, porém com o valor comparativo obliterado, taes são: *inferior* e *superior*, *interior* e *exterior*, *anterior* e *posterior*, *ulterior* e *citerior*, *júnior* e *sênior*. Perdida a noção comparativa destas palavras, a lingua tracta-as como fôrmas positivas:

Penetrae o mais interior e retirado daquellas soledades (A. V., S. 2. 1688) — Francisco Dias Gomes considerou o poema de Francisco de Sá de Menezes “a mais inferior de nossas epopeias regulares” (C. C. B., Lit. 1. 34)

Obs. *Tamanho* ⇒⇒⇒ *tam magnum* = tão grande, é uma fôrma *synthetica* de comparativo de igualdade. A fôrma parallela *camanho* ⇒⇒⇒ *quam magnum* archaizou-se — “Ah! camanha graça! (Euphr. 63) — Mãy minha, camanho testemunho! (Ib. 112).

539. EMPREGO DAS FÓRMAS COMPARATIVAS SYNTHETICAS. Quanto ao emprego das fórmulas comparativas syntheticas, convem observar:

1.º As fórmulas — *melhor*, *peor* e *maior* são preferidas, na linguagem culta, a — *mais bom*, *mais mau*, *mais grande*; egual repugnancia, porém, não existe para — *mais pequeno*. Comtudo, encontram-se exemplos auctorizados daquellas fórmulas analyticas:

Não ha mais máo conselho, que ter um villão destes mimoso (C. Obs. 3. 8) — He o mais máo hereje, que vomitárão neste mundo as Furias de Babylonia (A. de F., 205).

2.º As fórmulas *syntheticas*, porém, são excluidas e sómente são admittidas as *analyticas*, quando a comparação recáe entre duas qualidades:

Pedro é mais bom do que sabio, mais grande na coragem do que nas forças — El-rei D. João era mais grande que pequeno (G. Rezende) — Duas canastras mais grandes que pequenas (A. de F., 368).

3.º *Melhor* e *peor* são egualmente adverbios comparativos de *bem* e *mal*. As linguas romanicas, de accordo com a tradição latina, servem-se dos adjectivos *bom* e *mau* para indicar o character das pessoas, e dos adverbios *bem* e *mal* para indicar o estado, p. ex.:

Fulano é bom e está bem, é mau e está mal. — Estar bem de saude = bene valere, bem rico = bene nummatus — Quem é bom de contentar menos tem que chorar.

Para designarem o estado de saude, empregam naturalmente os adverbios *bem* e *mal* e os comparativos — *melhor* e *peor*, p. ex.:

Os doentes estão bem ou estão mal, estão melhor ou estão peor — Aquelle que se vai achando melhor (de saude) ha de fazer exercicio = Qui meliusculus esse caepit, adjecere debet exercitationes (Bluteau).

Porém, a phrase — *fulano está bem* tem adquirido um sentido especial de *estar bem de cabedades* ou de *posição social*.⁹ Dahi uma certa perturbação em portuguez quanto ao uso do adv. *bem* para indicar o estado de saude. Para obviar uma tal ou qual confusão, é corrente no fallar commum: — *o doente está bom, eu já estou bom* (restabele-

cido). Raramente se diz: *o doente está bem, eu já estou bem*, no sentido da recuperação da saúde. Este desvio, por parte do portuguez, da tradição romanica é, pois, determinada pelo instincto da clareza. Mas esta intromissão do adj. *bom* na esphera do adv. *bem*, vae repercutir naturalmente no respectivo comparativo — *melhor*; e, por isso, não raro se diz no fallar quotidiano: *os doentes estão melhores, nós já estamos melhores*, ao lado de — *os doentes estão melhor, nós já estamos melhor*.

A analogia tende a communicar ao comparativo *peor* este novo sentido do seu antonymo (*melhor*), se bem que o positivo *mal* não tenha soffrido alteração no seu sentido generico, de sorte que se diz: *os doentes estão mal, estão peor*, e, vulgarmente, *estão peores*.

540. A LIGAÇÃO DOS TERMOS DO COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE. Dois eram os processos do latim na ligação do segundo termo de um comparativo de superioridade: ou ia o segundo termo, em geral, para o mesmo *caso* do primeiro, a que se ligava pela conjuncção *quam*, ou ia para *ablativo*, sem qualquer connectivo, p. ex.: *Paulus doctior est quam Petrus*, ou — *Paulus doctior est Petro* = *Paulo é mais sabio que* ou *do que Pedro*. — *Non est servus major domino suo*.

O v. port. empregava largamente em taes casos dois processos correspondentes a esses processos latinos:

a) *Primeiro processo de ligação dos termos do comparativo*. Este processo correspondia ao primeiro latino, que consiste em ligar o segundo termo com a conjuncção archaica *ca* (← ~~ca~~ *quam*), e mais tarde *que*. Exs.:

Quando vos amava mais *ca* si (Chres. Arch. 306) — Melhor o fez o *ca* o non disse (Ib. 271) — E que peor poss'aver *ca* seu desamor? (Ib. 231) — *Ca* ihe quero melhor *ca* mim (Ib. 221) — Mui maior mal *avedes ca* el, que morrer vedes (Ib. 305) — Quando vus el amava mais *ca* si, por que lhi non fezeste ben enton? (Ib. 306) — Quand'eu perdi *aquela* que amar sabia mais que min, nem outra ren (Ib. 228) — Sonhei que me veera dizer aquelle que me millhor que a si quer: falade mig' ai meu lum'e meu ben ... o que me sabe mais que si amar (Ib. 286) — Cousas mais altas que ty não buscarás (L. Conselh. 314) — Porque mataste aquelle mouro que era melhor que ti (F. Port., Liv. de Linh. ...)

b) — Meus filhos que eram já melhores que mim (Ib. 246).

Obs. Este processo, com o connectivo *que*, ainda é vigente; o que é archaico é o emprego do pronome *obliquo* tónico (*mim, ti, si*), onde hoje empregamos o caso *recto*: *eu, tu, elle*, ou os mesmos obliquos preposicionalmente, conforme funcionam, no segundo termo de comparação como sujeito ou como complemento do predicado elliptico.

b) *Segundo processo da ligação dos termos de comparativo.* Este processo correspondia ao segundo processo latino, e consistia em ligar o segundo termo de uma comparação por meio da preposição *de*. Era largamente usado no v. port. e, se bem que archaizado, temos delle muitos vestígios no uso actual da lingua, como abaixo veremos. Exs.:

Aquela por que trobado avedes e que amastes vos mais doutra ren (=de outra cousa =do que outra cousa) (Chrest. Arch., 261) — Amigo, nunca eu cuidei que vos perdesse, come vos perdi por quen non parece melhor de mi (=melhor do que eu) (Chrest. Arch. 275) — Pois mi dezedeis, amigo, ca mi queredes vos melhor de quantas eno (=no) mundo son (me quereis mais do que quantas no mundo existem) (Chrest. Arch. 293) — Ouveran de vos peor resposta con obra da que ouveron esses outros del-rei don Affonso, vosso avoo (do que a que houveram) (Ib. 161) — E os cristãos pereceron melhor (=mais) da quarta parte (=do que a quarta parte) (Ib. 123) — Pero são certão (estou certo) que mi queredes peor d'outra ren (T. Arch. 22) — Eu, senhores, sam hũa dona senhora deste castello, que já em outro tempo vivi alegre, e com menos dor da que agora tenho (do que a que agora tenho — Palm. I. 238) — Com mais pressa da que trouxera (do que aquella que...) se tornou para elles (Lucena, I, 98) — Maior espectáculo, ó Tibre, vês estes dias daquelle que viu antigamente o Jordão (=do que aquella que viu... (A. V., Obs. S. 3. 141) — Se o cabello tirar a amarello e estiver mais delgado do ordinario (*solito subtilior*=do que o ordinario), elle os declarará immundo (A. P., Lev. XIII. 30) — Porque razão está hoje o vosso semblante mais triste do costumado (do que o costumado) (A. P., Gen. XL. 7) — Não vos ha de valer mais d'aquillo que eu quizer (G. V., ap. J. Moreira).

Nota-se em alguns desses exemplos *melhor* valendo por *mais*: *Ca MELHOR poder teendes vós ca elle* (Cortesão).

Obs. Este segundo processo, archaizado em portuguez, manteve-se normalmente em italiano, e o exemplo de Vieira acima citado é de um sermão seu, escripto e prégado em italiano, e pelo mesmo vertido em portuguez. Largos vestígios temos ainda hoje desse processo comparativo nas seguintes expressões ainda vigentes: *maior de 20-annos, mais de 2 leguas, e notarão muito MENOS daquillo (do que aquillo) que querião* (Lus. 2. 9), *maior da marca*. E em Portugal ainda se ouve entre o povo: é melhor ca mim, é mais feio ca ti (Cortesão) E ainda, segundo J. Moreira, appareçe hodiernamente a mesma preposição *de* introduzindo o segundo termo de comparação em phrases semelhantes a estas: *O que não significa que dahí lhe venha mais responsabilidade da que lhe pudesse advir do facto de pôr a sua assignatura nesses diplomas* (Estudos, I. 56). Cour

firma o que diz J. Moreira o seguinte passo de Herculano: Desde então poderoso vassallo da coroa... ganhou na côrte de D. João I notave importancia e valia, maior porventura da que tivera (do que a que tivera (como simples abbade de Alcobaça (Monasticon, l. III).

541. O processo mais usual para introduzir o segundo termo de uma comparação é hoje a locução conjunctiva — *do que*. Este connectivo nasceu seguramente do cruzamento syntactico dos dois processos acima exemplificados, do *de* regendo ao ablativo, e do *que* correspondente ao *quam*: a dupla expressão do velho portuguez — *melhor de Pedro e melhor que Pedro*, confundiram-se em — *melhor do que Pedro*. O demonstrativo *o*, que ahi apparece, explica-se, segundo a hypothese plausivel de Julio Moreira, por uma confusão do — *que* com a fórma composta *o que*.

Obs. Além desses processos normaes de comparação, tinha o lat. outro recurso para indicar o comparativo de superioridade, por meio da preposição *praeter* (acima de), *ante* e *super*: *super ceteros claros* = *illustres* acima dos outros (Bruno).

Herdou o portuguez igual recurso: *elle é sobre todos excellente* = *excellente mais que todos*.

Superlativos

542. Consiste o grau *superlativo* no encarecimento da significação do adjectivo de modo absoluto ou relativo. Dahi duas especies de superlativo — o *absoluto* e o *relativo*.

543. SUPERLATIVO ABSOLUTO. O latim possuia para a formação do superlativo absoluto, um processo organico ou synthetico, largamente usado no latim literario, e um outro analytico ou periphrastico de uso mais restricto.

544. SUPERLATIVO ABSOLUTO SYNTHETICO. Para a formação do superlativo absoluto synthetico possuia o latim dois suffixos, que passaram com as respectivas palavras para o portuguez literario:

-mus :

primus	→	primo	→	infimus	→	infimo
summus	→	summo	→	minimus	→	minimo
supremus	→	superrimo	→	proximus	→	proximo
superrimus	→	supremo	→	maximus	→	maximo
extremus	→	extremo	→	pessimus	→	pessimo

b) - **timus** :

intimus	⇒⇒⇒	intimo
optimus	⇒⇒⇒	optimo
ultimus	⇒⇒⇒	ultimo

545. Este suff. — *timus*, por assimilação regressiva, conforme a ultima consoante do thema, assumiu a forma *-simus*, *-limus*, *-rimus*: *justis* + *timus* = *justissimo*; *facil* + *timus* = *facillimo*; *acer* + *timus* = *acerrimo*.

A lingua rejeitou este processo organico ou synthetico, e, só no sec. XVI, Camões e outros quinhentistas introduziram-n-o no dialecto literario. Na formação de taes superlativos toma-se, de ordinario, o *thema* do vocab. lat., que frequentemente corresponde ás fórmulas archaicas da lingua:

Amabilissimo, terribilissimo, ferocissimo, efficacissimo, sacratissimo, beneficentissimo (de *beneficente* e *benevolo*), malevolentissimo, sapientissimo, felicissimo, pulcherrimo, humillimo.

Frequentes vezes, o *thema* lat. e o vernac. dão-nos *fórmulas duplas*, e outras o superlativo é transportado do lat., sem correspondente positivo vernacul

Humillimo e humildissimo, dulcissimo e docissimo, crudelissimo e cruissimo, amicissimo e amiguissimo, antiquissimo e antiguissimo, integerrimo e integrissimo, saluberrimo e salubrissimo, nigerrimo e negrissimo, liberrimo e livrissimo, pauperrimo e pobrissimo, pessimo e mais-simo, optimo e bonissimo, minimo e pequenissimo, intimo e baixissimo, maximo e grandissimo, supremo e altissimo, simplicissimo e simplissimo (contracta) bellacissimo (do lat. *bellax*), uberrimo, nequissimo, generansimo, pudicissimo, publicissimo, parcissimo (cf. riquissimo, rouquissimo). — De alguns determinativos: muitissimo, tantissimo, pouquissimo, mesmissimo.

Obs. Por analogia dizemos na ling. pop. — coisissima nenhuma, meninissimo, casaquissima. Já do lat. nos veio este processo: *Salve, oculissime homo* (Plaut., ap. Serões).

546. Um outro processo organico superlativo nos legou o lat., que consiste no encarecimento de certos adject. por meio de *prefixo*:

- PER : — perfeito (cf. perfazer, perdurar, perlarvar) permixto.
 PRE (⇒⇒ PRAE) : — preclaro, prelucido (cf. preluzir), prepotente
 ULTRA : — ultraromantico, ultraliberal, ultrasensivel, ultramundano, ultrarealista.
 HYPER (greg.) : — hypercritico, hypertrophiado.

ARCH (greg.) : — archi-sabio, archi-são (hybridismos depreciativos).
 RE : — re-são, re-tolo, re-seu

Quem assim resiste a morte é são, re-são e archi-são (A. C.), Doent. 158) — Você lá, meu neto, é tolo e re-tolo (Id., ap. E. Carneiro) — Isto é seu e re-seu.

547. SUPERLATIVO ABSOLUTO ANALYTICO. Ao lado do superlativo organico em latim, havia um outro *inorganico*, *analytico* ou *periphrastico*, de uso restricto na linguagem culta, mas, com toda a probabilidade, de largo uso no lat. pop., onde o impulso analytico já ameaçava o synthetismo official do fallar da nobreza romana. Consistia este processo, empregado para evitar o hiato em certos adjectivos, em encarecer a significação de adjectivo por meio de um adverbio adequado, p. ex.: — *pius* — *maxime pius* (por *pissimus*) *noxius* — *maxime noxius*, *idoneus*, — *maxime idoneus*.

Esta syntaxe foi seguida em portuguez, e o adverbio *muito* e outros equivalentes foram aproveitados para a formação dos superlativos absolutos. — Generalizando este processo analytico, a lingua teve a vantagem de poder graduar o superlativo absoluto por meio da variedade de adverbios de que dispõe, v. gr.: *muito justo*, *muitissimo justo*, *extremamente justo*, *excessivamente justo*, etc.

No portuguez archaico a preposição *per* funcionava, ás vezes, como adverbio de encarecimento ou reforço: *Mays do que dixе gran favor per ey* (Nobiling. D. J. de Guilh., p. 34 = hei muito grande favor — *per gran*).

548. REDUPLICAÇÃO. O methodo de reduplicação na formação do superlativo nos veio do lat.: *multo formosissimus*, *longe nobilissimus*, *multo pulcherrimus*. O v. port. e mesmo os nossos classicos imitaram-n-o mais largamente do que hoje se faz. Exs.:

Dos mui muito ciumes nace o mui muito amor (G. V.) — Por muito minimo que fosse (F. M. P., Per. ap. E. Carneiro) — Muito reverendissimo padre Fr. Thomé (A. V., C., ib.) (cf. mui sapientissimo senhor) — Artifice mui primo neste genero (Serões 541) — Hoje ainda dizemos em linguagem familiar : — isto é muito muito difficil, é feio feio até onde pôde ser ; processo paralelo aos dos subst. — *horas e horas*, *noites e noites*, e semelhante ao hebraismo — *senhor dos senhores*, *cantico dos canticos*.

E' corrente na mesma linguagem a reduplicação organica de *grande*: "No teu tempo, grandessissima alcaiota, não tinham os segraes mancebos mouros" (A. H., Mon. 1. 75).

549. SUPERLATIVO RELATIVO. O latim não possuia forma especial para o superlativo relativo; empregava para esse effeito o superlativo absoluto seguido de genitivo: *maximus oratorum* = *o maximo dos oradores*. — Quando o superlativo latino vinha desacompanhado do genitivo, o sentido absoluto confundia-se com o relativo: *carmina pulcherrima* = *bellissimos cantos*.

Desappareceu esta syntaxe, que só subsiste na linguagem culta, como um latinismo literario: *Brandão, o judiciosissimo de nossos historiadores, provou...* (A. C., P. Hist. 1. 101).

550. A lingua vernacula substituiu esse processo latino por um outro, que evolueu do comparativo de superioridade e inferioridade com o desenvolvimento do artigo. Consiste elle na anteposição do artigo definido ao comparativo de superioridade ou inferioridade, e da prep. *de* ao termo de relação: *o mais eloquente dos oradores, a maior das virtudes, o menor sabio dos homens*.

Obs. A particula relacional *de* dos superlativos relativos é a ligação archaica do comparativo, de que ja tractámos. Esta particula sobrevive não só nos superlativos relativos, mas ainda, como vimos, em algumas phrases meramente comparativas, como — *mais de um metro, maior de vinte annos, menos de cinco leguas*. Póde esta particula nos superl. relativos ser substituida por — *entre* ou *d'entre os oradores*, como, alias, em lat. o genitivo podia ser substituido pelo ablativo ou accusativo, regidos respectivamente de *ex* e *inter*: *Altissima arborum*, ou *ex arboribus*, ou *inter arbores* (Chassang). — Não se repete em portuguez o artigo, como se faz em francez, quando o substantivo anteposto ao seu adjectivo no grau superlativo já vem acompanhado desse determinativo — *a flor mais bella de todas é a rosa*, e não: *a flor a mais bella de todas...* E' frequente a ellipse do termo de relação: *Não discordaram os mais intransigentes*.

551. Certos adjectivos, pela sua propria significação, não podem *logicamente* ter graus de significação, taes como:

Redondo, quadrado, circular, infinito, angular, immenso, enorme, infallivel, lateral, mortal, immortal, argenteo, aureo, plumbeo, ferreo, eburneo, cuprico, duplo, triplo, medio, maternal, filial, hybernal, morto, vivo, casado, solteiro, nocturno, diurno, diuturno, diario, nascido, fran-

cez, brasileiro, bahiano, americano, absurdo, eterno, illimitado, moral, divino, preferivel, principal, physico, arterial, perenne, latino, perfeito.

Porém *grammaticalmente* muitas dessas palavras, no caso de emphase, mormente no v. port., assumem flexão e fórma gradativa — *perfeitissimo, vivissimo, enormissimo, immensissimo, principalissimo, portuguezissimo, redondissimo*. — Commetteu o mais enorme de todos os erros (A. V., S. 5. 6) — Ao que Epirantes Delfim de França que era pessoa muy principal respondeo (Tav. Redond. 30) — Fica aqui a mais principal desta lição na Historia (J. B., Dec. ap. Serões 341) — Não desmerecia no mais minimo o conceito, que nestes pontos de heroica impavidez havia conquistado (L. C., ap. Serões 341) — E' o homem na pequenez da mais miserrima e limitada existencia (C. C. B.) — E o que á vontade se faz mais impossivel, mais deseja (A. Ferr.).

552. AUGMENTATIVOS E DIMINUTIVOS SUPERLATIVOS. A muitos adjectivos dá a lingua graus do subst. — *augmentativo* e *diminutivo* equivalentes ao *superlativo*: *feanchão, pobretão, santarrão, soberbaço, toleirão, parceirão, seccar-rão, grandalhão, ignorantão, fracalhão, velhacão, atrevidação, bonitinho, bonitote, bomzinho, quietinho, quentinho, pequenito, pequerrucho, pequerruchinho, pobrete, sozinho, junctinho, chegadoinho, agarradinho, socegadoinho, caladinho, escondidinho, baixinho, deitadinho, dormindito, maiorzinho, menorzinho, peorzinho, melhorzinho, maiusculo, minusculo*. — Os diminutivos teem sentido *affectivo*, e os augmentativos são *depreciativos*. Com equal valor de encarecimento depreciativo dispõe a lingua do suffixo-udo: *orelhudo, cabeçudo, olhudo, ossudo, espadaudo, cabelludo, gordanchudo, testudo, barrigudo, façanhudo, sanhudo, nari-gudo, beicudo, forçudo, peitudo*.

Adjectivo e pronome determinativos

553. Os adjectivos determinativos, que se discriminam dos qualificativos em terem por função modificar a *extensão* do substantivo, figuram frequentemente como pronomes, bastando a ausencia, na phrase, do substantivo. Muitos delles, além disso, teem fórmãs especiaes, que com o desaparecimento dos substantivos neutros, assumiram funções pronominaes exclusivas ou quasi exclusivas. Neste estudo especial, encará-los-emos no duplo aspecto *adjectivo e pronominal*.

Artigos

554. Não possuía o latim artigos; dahi a falta de precisão em certas phrases, como: *lego librum*, que pôde ser — *leio livro*, *leio o livro* e *leio um livro*. O progresso de espirito critico, na evolução *analytica* das linguas romanicas, determinou o apparecimento dos *artigos* DEFINIDO e INDEFINIDO por uma attenuação no valor significativo dos determinativos latinos — *illum* e *unum*.

555. ARTIGO DEFINIDO. O artigo definido (*o, a, os, as*) desenvolveu-se do demonstrativo latino *illum* = *aquelle* (*illo* → *lo* → *o*, *illa* → *la* → *a*, *illos* → *los* → *os*, *illas* → *las* → *as*), com o enfraquecimento successivo de seu valor demonstrativo, a tal ponto que o julgam alguns *vasio* de sentido, como que tendo exgottado, em seu esvasiamento progressivo, todo seu conteúdo significativo. Phenomeno este que se dá igualmente com o numeral *um*, quando funciona como artigo indefinido. Provam, entretanto, os celebres grammaticos de Port-Royal, que elles conteem em si valor determinativo ou conteúdo significativo, com as seguintes phrases: *Luiz, filho de Carlos*; *Luiz o filho de Carlos*; *Luiz, um filho de Carlos*. Evidentemente a presença dos artigos traz sentido novo: no primeiro caso, a ausencia do artigo deixa indeterminado o substantivo *filho*, que pôde ser unico ou não; no segundo, a presença do artigo definido indica que o *filho* é unico; no terceiro, que é um dentre outros.

Como no hespanhol e no italiano, a primeira syllaba do original latino *illum*, deu no portuguez medieval, o artigo *el*, cujo emprego se restringiu á palavra rei (el-rei), *declarando todo esto el rey seu marido* (F. Lopes).

556. Originaram-se os artigos da necessidade de determinação e clareza na enunciação do pensamento; porém, só paulatina e gradualmente se foram elles generalizando ao largo uso que delles faz a lingua actual. No v. port. nota-se muitas vezes a ausencia de artigo, onde o reclama hoje a lingua. Exs.:

Trabalhade em quanto haveades lume de vida (Reg. de S. Bento) — Parte-te de mal e fazes bem (aparta-te do mal e fazes o bem (Ib.) — Deu-lhe hũa tal vestidura que trouxe de parayso (Aff. o Sabio) —...seguir de vòstade comprimento de maldade (D. Duarte, L. Cons.) — Adoceco logo nesse dia e cayo em cama (F. Lopes, Chr. de D. Fern.).

557. Ante os nomes geographicos era frequente a ausencia do artigo. Exs.:

As terras viciosas de Africa e Asia andaram devastando (C. Lus.) — Victorias que Italia não nega (Ib.) — Sujeitos ao imperio de Alemanha (Ib.) — Longe de Macedonia estão as gentes.

558. USO DO ARTIGO NO V. PORTUGUEZ. Nos proverbios, que são preciosos legados da antiga linguagem, e em certas *phrases feitas*, que resistiram ao desenvolvimento do artigo, temos authenticas amostras de seu emprego restricto no v. port.:

a) **Proverbios:** Mais val amigos na praça que dinheiro na arca (J. de Vasc., Eufrosina) — A má capelão, má sacristão; a má amo má moço; a má chaga, má herva, que avarento rico nam tem parente nèm amigo (Ib.) — Comadres e vizinhas a vezes hão farinha (Ib.) — Mais val roim asno, que ser asno, e asno é quem asno tem, mas mais asno quem o nam tem (Ib.) — Guarte de homem que não falla, e de cão que não ladra (Adag. F. R. I. L. E. L.) — Deita-se homem pelo chão, por ganhar gibão. — Agua e pão de corrida se vão — Mais apaga boa palavra, que caldeira de agua — Asno com fome bugalhos come — Raposa, que muito tarda, caça aguarda.

b) **Phrases feitas:** Fallar verdade; vir de casa, ir para casa, sair de casa; ter coragem, medo, vergonha, fome, sêde, tempo, razão; pôr fim, pôr em duvida, estar em perigo, entrar de posse, fazer face, fazer frente, declarar guerra, tomar posse, dar licença, achar meio; traduzir de francez em ou para portuguez; pôr joelho em terra; passar a nado (*a la nage*); vir a voga surda (Academia Real de Sciencia) — Esta omissão do artigo dá-se principalmente com os termos abstractos.

Mui cedo se começou a desenvolver o artigo nas linguas romanicas, pois já documentos do sec. VI offercem numerosos exemplos, segundo Diez, em que o demonstrativo *ille* se apresenta com um valor articular, isto quer dizer, com sua força demonstrativa de logar ou posição no tempo e no espaço, attenuada ou enfraquecida.

559. POSIÇÃO DO ARTIGO. O artigo precede sempre o nome, bem como qualquer adjectivo ou complemento ante-

posto ao nome modificado: *o rio, o grande rio, o das aguas gigante.*

Abrem excepção a esta regra os adjectivos *todo* e *ambos*, que reclamam a posposição do artigo: *todo o homem, todos os homens, ambas as mãos* (cf. *o homem todo, as mãos ambas*).

No v. port. apparece frequentemente omittido o artigo com o determinativo *todo*, quer no singular, quer no plural, e egualmente com *ambos*. Exs.:

Nella sós experimenta toda sorte de tormentos (Lus. 3. 39) ...e segura toda Hespanha da juliana má, e desleal manha (Lus. 4. 49) — ...e nunca faltaram huns aos outros em todo perigo (J. F. Vasconc. Tav. Redonda, 2) — ...guardada de toda conversação averá tres annos (Ib. 35) — ...caminhando com toda pressa (Ib. 36) — ...grandemente destro em todas armas (Palm. 1. 13) — O de salvage vendo que o outro vinha tras ella armado de todas peças sahio a recebello (Ib. 205) — Nos vemos aqui todo mundo jazer morto, a marteiro e a door (de martirio e de dor) (Chrest. Arch. 47) — Começa-se a travar a incerta guerra, de ambas partes se move a primeira ala (Lus. 4. 30) — E dizem que esta foy uma das perfidiadas batalhas que se viram no mundo, em que dambas partes se pelejou igualmente (Tav. Red. 9).

Quando Roma a todas velas
 Conquistava toda a terra,
 Todas donas e donzellas,
 Davam suas joias bellas
 Para manter os da guerra

G. Vicente, Obs. 2. 362.

Obs. Quando o v. port. interpunha o artigo no plural, havia assimilação e aglutinação — *todos los membros* (todos los m = todollos m = todolos m), *todas partes, todas cousas* (Palm. 1, 12, 20, 29). — O adjectivo *só* admitte em certos casos a posposição do artigo, como *todos* e *ambos*: *só o homem, quem de só o amor se pagava.*

560. Hoje a omissão do artigo no plural não mais se tolera por anti-euphonica, embora Fylintho e A. Castilho empreguem ás vezes esse archaismo.

Quanto á omissão no singular, só é admissivel quando *todo* tem o sentido distributivo de *cada*: *todo homem é mortal, mas todo o homem (= homem todo) não é mortal.* Não havendo sentido distributivo, é de rigor o artigo. Exs.:

De mais sciencia, tacto e agudeza não cremos que se ache em todo o mundo (no mundo inteiro), sem exceptuar o reino de Pegu, a Polynesia e a Cafraria (A. H., Mon. 1. 181) — Estes diziam respeito ás necessi-

dades... de cada concelho ; aquelles aos de todo o paiz (Ib. 184) — Uma pessoa como vós é sempre desejada e bem vinda em toda a parte (em cada parte) em que houver espiritos grandes... (A. H., Monast. I. 189).

561. EMPREGO DE ARTIGO DEFINIDO. No meio da diversidade arbitraria, que reina no emprego de artigo definido, podemos comtudo, escudados muitas vezes em Diez, estabelecer os seguintes principios:

I. Os nomes *proprios* só admittem, em geral, artigo nos seguintes casos:

1.º Quando no plural em accepção appellativa: *os Albuquerquees, os Prados, os Vieiras, os Scipiões, os Vergilios.*

2.º Quando modificados por adjectivo ou complemento: *o bom Ricardo, a infeliz Dido, o Homero de Portugal, a Galatêa de Cervantes, o Moysés de Miguel Angelo, a Beatriz de Dante, a Natércia de Camões, o divino Platão, o sabio Affonso.*

Quando o adjectivo se pospõe, leva comsigo o artigo: *Alexandre o grande, Affonso o sabio, Philippe o bello, Pedro o cruel.*

Exceptuam-se, entretanto: *Carlos Magno, Alexandre Magno, Pedro segundo* (II), *D. João terceiro* (III), *Pedro hespanhol, Manuel portuguez*, (Dom João o terceiro em Portugal deste nome, Gil Vicente), *o Camões, o Dante*, etc.

No estylo poetico omittse geralmente o artigo: *Roma sancta, Mavorte valoroso.*

Tem valor de adjectivo os *prenomes*, e, por isso, reclamam o artigo: *o Dr. Sylva, o duque Affonso, o rei Eduardo, o P.º Francisco, o Rev. Francisco de Paula.*

Abrem excepção alguns *prenomes* e o adjectivo apocopado *São* (= *sancto*) e *sancto*: *Frei Germano, Soror Maria, Dom Pedro, D. Luiza, S. Paulo, S. Pedro, Sancto Antonio.*

II. Os substantivos que designam *idéas genéricas* em sentido colectivo, isto é, o *genero* ou a *especie* reclamam o artigo:

O homem é mortal, o cão é fiel, o insensato descobre sua ira (*stulti in ipsa die cognocetur ira*), a mulher diligente é a coroa de seu marido (*mulier diligens, corona est viro suo*) (Prov. XII, 4.6).

III. Os nomes *abstractos*, que exprimem qualidades intellectuaes, corporaes ou modo de ser, em sentido absoluto, recebem geralmente o artigo:

Melhor é a sabedoria que o ouro precioso, o somno é a imagem da morte, a justiça é o fundamento da sociedade.

Quando personificados nas ficções poeticas, os nomes abstractos muitas vezes dispensam o artigo. Exs.:

Despois que quiz Amor que eu só passasse
Quanto mal já por muitos repartio,
Entregou-me á Fortuna, porque vio
Que não tinha mais mal que em mi mostrasse
(C. Obs. 3. 7)

IV. Os nomes de *materia inorganica* levam o artigo definido, quando considerados em seu conjuncto: *a sabedoria é melhor do que o ouro, branca como a neve, duro como a pedra.*

Não raro apparece o artigo indefinido: *duro como uma pedra, estúpido como uma porta.*

A's vezes, porém, não apparece nem um nem outro artigo: *claro como agua, negro como carvão.*

V. Omitte-se, em geral, o artigo ante os substantivos *abstractos* ou *concretos*, quando unidos a verbos formam com elles expressão, que contem uma idéa unica:

Correr perigo, dar resposta, ter compaixão (=compadecer) pôr peito, pôr nome, metter mão, ter paciencia, ter esperanza (=esperar), ter medo (=temer), ganhar tempo (=contemporizar), pôr fim (=finalizar), prestar juramento (=jurar), fazer festa (=festejar), fazer face, tomar cuidado, sentir fome. causar damno (=damnificar), pedir perdão, travar combate.

O substantivo nestas locuções encerra a idéa principal, e frequentemente podem ser ellas expressas por um verbo que contem a idéa do substantivo como acima se vê. Todavia apparece ás vezes o artigo em phrases semelhantes a estas: *pôr o coração, pôr a mente, cingir a espada*, (ao lado de *cingir espada*), *brandir a lança.*

VI. Semelhantemente em *locuções adverbiaes*, mais que hoje, era, na antiga linguagem, commum a ausencia do artigo:

A pressa, a vozes, a vezes, a occultas, a certas, de joelhos, com espada feita, ouro e fio, de golpe, a corso, a compasso — E a vezes acordava, a vezes esmorecia (T. Port. 137) — D. Fernando, casado, segundo se dizia, a occultas com ella (A. H., L. e N. I. 66) — A certas, falar e ensinar convem ao mestre (Chrest. Arch. 27) — Ficou-se em joelhos ante ella (F. L. Chr. de D. F. 74) — Ao sahir do sol dá de golpe sobre a cidade (A. P. Juiz. IX. 33) — E quando andassem a corso os advertisse (Fab. 57) — A compasso com as glorias de sua gente, namora-o a natureza, o amor, a humanidade (L. C., Cam. 309).

VII. Omittte-se geralmente o artigo definido ante os substantivos *appostos*, e outros que servem de *attributo* ou *predicado*:

S. Paulo, capital do Estado ; elle é filho de fidalgo, mesa de marmore, barril de vinho, relógio de ouro, armazem de generos, juncta de bois, elle se mostra homem de coração, nasceu rei de Roma, e morreu coronel austriaco, sou brasileiro (cf. elle é um francez sem luxo, um israelita sem dolo) julgo-o homem de procedimento irreprehensivel.

Notam-se, entretanto, algumas excepções:

Rio das Pedras, lagoa dos Patos, largo da Liberdade, praça da Republica, a mulher do leite. — E para discriminar sentidos : Luiz, filho de Carlos, o filho de Carlos e um filho de Carlos.

VIII. Com os verbos *ter* e *haver* e outros formam-se dois typos de phrase equivalentes, conforme antepomos ou omittimos o artigo definido ao objecto:

A mãe hebréa teve (Lus. I. 53), e teve mãe hebréa, tem dura a cabeça, e tem cabeça dura, tem os olhos encovados, e tem olhos encovados, trazia longa a barba, e trazia barba longa, tem os olhos pretos, e tem olhos pretos, sereno o tempo tens (Lus. 2. 61), e sereno tempo tens. recebeu com os braços abertos, e com braços abertos (*adhuc caecatun habetis cor vestrum*).

IX. Desenvolveu-se no port., bem como no hesp. e ital., o uso do artigo antes do *possessivo* (*o meu chapéo*), como reforço de determinação. Tal uso, porém, é facultativo, salvo o caso de *emphase*, em que a presença do artigo se impõe (*este é meu livro, e aquelle é teu, este é o meu livro e aquelle o teu*), e o de nomes de *perentesco*, *titulo* ou *dignidade*, em que se impõe, em geral, a omissão, salva a *emphase*: *meu pae, meu senhor, sua senhoria*. Exs.:

Tanto quome uno de suos filios, de quanto podessem aver de bona (bens) de seu pater e filios seu pater e sua mater... foram fiadores de sua Irmãna (Not. de Torto, sec. VII) — El-Rei meu senhor e padre... pensei

que Nosso Senhor me dava tanta pena (D. Duart. L. Conselh. sec. xv) — O nosso Ioseph, que até agora encobrio seu amor e represou seus desejos (Balthazar Paes) — Quasi que vosso pae não podia estar uma hora com D. Vivaldo... Ia ainda ver o meu pobre pae, rezar um *pater juncto* á lousa de minha mãe, abraçar Beatriz, minha irmã, tão linda! tão meiga! (A. H., Monasticon) — ... por que de vossas aguas Phebo ordene (Lus. l. 4)—Fr. Bernardo de Brito... conversa o mesmo lugar classico que lhe adquiriram as suas obras... e acham em seus versos o mesmo polimento... que admiram nos seus escriptos.. em qualquer das suas obras (F. J. Freire, Reflex.) — Cal-te, satanaz enganador e bulcão, que crêste comprar-me com as tuas promessas e com o teu ouro (A. H., Monast.)... sem respeitarem o bom nome de sua linhagem, o seu grau de cavallaria (Ib.) — Sim, são : são meus filhos, mas não são o meu filho ; não o negara Jacob : mas o seu filho era José. Vae muito de ser filho a ser o seu filho (A. V., S.).

X. O mesmo phenomeno de reforço de determinação se observa com outros *determinativos*: *o mesmo homem, o tal homem, o outro homem, o qual homem, os primeiros homens, os dois homens.*

O v. port., como actualmente o fr. e contrariamente ao port. moderno, admittia o artigo antes de *um, uma, uns, umas.* Exs.:

Ali cavam cavalleiros e cavalos mortos da huma e da outra parte... os hunos partiram a huma parte, e os outros aa outra... os hunos na deanteira e os outros na costaneira (Bat. de Salado) — O ãu ficou por lavar... e o outro er ficou polo matar (Chrest. Arch. 101) — Os que tinham espiritos de cavaleyros á huma, e os de piães á outra (Tav. Red. 39) — ...julgando as hũas per verdadeiras e duraveis e as outras per caducas e vãas (Ib. 271) — ...as demandas que se fazem os hunos aos outros. (Portugalia Monumenta l. 224).

Ficase porém, julgando
Entre a ãa e outra sorte
Se deis vida dando a morte
Que fareis a vida dando?

S. de M. 52, ed. Michaëlis

No sec. XVI foi-se archaizando o *artigo* antes de *um*, porém conservou deante de *outro* na expressão — *um... o outro*, como se vê em Camões:

Assi que hum pela infamia que arreceia
E o outro pelas honras que pretende,
Debatem e na porfia permanecem (C.)

Nem sempre, porém, apparecia o artigo em qualquer desses termos correlativos: *Ho prometerse huma a outro eterno amor* (Tav. Redonda, 95).

Obs. A esta época em que o artigo definido se combinava com o indefinido devemos attribuir a crase da locução adverbial *á uma*. — No fallar do povo descobre-se ainda hoje, aqui como em Portugal, o emprego do artigo antes de *um*, em phrases semelhantes á seguinte, dada por Julio Moreira: "Não escrevi ha mais tempo á uma porque tenho andado bastante adoentado, e á outra porque não tinha grandes novidades para dar. (Est. da Ling. Port. I. 2).

XI. O artigo supprime o *possessivo*, quando se falla das diversas partes de um ser ou de cousa que lhe pertença:

Elle perdeu a fortuna (a sua fortuna), o juizo, a saude e a vida; cortei o dedo (o meu dedo), quebraste a perna (a tua perna); o boi perdeu o chifre; a flor perdeu a viço; doe-me a cabeça, os olhos, os ouvidos; beijo-lhe as mãos; não lhe gabo o gosto; tomou-te a bengala; inflamou-lhe a coragem; esmagou-me o coração.

XII. O portuguez, como o hesp. e o ital., gozam da faculdade de desembaraçar-se tanto do artigo definido, como do indefinido, mormente no estylo poetico, dando á expressão mais concisão e elegancia, p. ex.:

Elle é estrangeiro e homem de experiencia, expõe principios sublimes de sã philosophia — Galas e mais galas para o corpo, sedas e mais sedas para o corpo, ouro e mais ouro, joias e mais joias, vaidades e mais vaidades para o corpo (A. V., ap. Serões 673).

562. ARTIGO INDEFINIDO. O artigo indefinido desenvolveu-se do numeral *um* (*unum* \rightsquigarrow *uno* \rightsquigarrow *ũo* \rightsquigarrow *un* \rightsquigarrow *ũ* \rightsquigarrow *um, unam* \rightsquigarrow *una* \rightsquigarrow *ũa* \rightsquigarrow), com o enfraquecimento de seu valor numeral. Com o desenvolver-se do espirito analytico das linguas romanicas attenuou-se em certos casos a idéa numerica, e *um* passou a designar *uma certa coisa*, sem intenção de numero, como — *colbi uma flor, comi uma laranja*. Desde, porém, que na phrase transluz a intenção numerica, conserva *um* a sua categoria primitiva de adjectivo determinativo numeral, como p. ex.: *colbi uma só flôr, comi uma laranja e não duas*.

563. EMPREGO DO ARTIGO INDEFINIDO. O seu emprego, como o do definido, desenvolveu-se gradualmente na linguagem, e, como este, não se submete ainda hoje a regras seguras. Apenas observaremos o seguinte:

1.º Como o definido, o indefinido se antepõe aos outros adjectivos, e só se pospõe a *todo*: *um bom menino, um mesmo homem, todo um mundo*. Exs.:

O que a sua voz havia valido com toda uma Nação, o clamor de toda uma Nação não o pôde acabar com elle (A. C., Q. Hist. 2. 35).

2.º Os substantivos em relação attributiva e predicativa, só levam artigo indefinido, quando seguidos de um complemento, que restringe o seu sentido a uma classe determinada:

Este menino, um alumno do gymnasio, que sempre se distinguio (cf. este menino, alumno do gymnasio, sempre se distinguio); sou um francez expatriado (cf. sou francez, sou brasileiro), és um homem de responsabilidade, és um homem feito (cf. és doutor e deves saber, és doutor em Israel ou és um doutor em Israel, e não sabes estas coisas?)

3.º Existia no v. port. o emprego *partitivo*, hoje archaico, do indefinido, como se lê em Camões:

Huns vão nas almadias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar e o deita juntamente
(Lus. 1. 92)

564. ARTIGO PARTITIVO. No v. port. a preposição *de* só ou combinada com o artigo definido ou com outro determinativo, regendo o objecto de um verbo transitivo, adquiriu o valor de um determinativo de quantidade indeterminada, a que os grammaticos francezes deram o nome de *artigo partitivo*, p. ex.:

Comerás do leite, ouvirás dos contos, e partirás quando quizeres (R. Lobo) — Desta agua não beberei (cf. *je veux du pain*).

565. ORIGEM HISTORICA DO PARTITIVO. A syntaxe do paragrapho antecedente desenvolveu-se do latim popular, que ao lado de — *edere panem* (comer pão), creou a phrase *edere de pane* (comer do pão), com valor francamente partitivo (Darm.). St. Agostinho escrevia em seu latim medieval: *Sacrificare de animalibus* (Conf. III. 7). Tal phenomeno, aliaz, se explica facilmente, segundo Brunot, com a phrase ainda vigente — *dois de entre elles*, onde o valor partitivo da preposição *de* abre logicamente o caminho para vir a significar *uma certa quantidade de* (alg. coisa). (466).